

EU, VOCÊ E TODOS NÓS¹

*Fernanda Cristina de Carvalho MELLO**

O que Nietzsche e Bruna Surfistinha possuem em comum? É possível citar Kafka, Benjamin, Foucault, Deleuze, Proust e Guy Debord e ao mesmo tempo estabelecer relações com uma frase de Vera Loyola e da revista *Capricho*? Para Paula Sibília, tal empreitada se concretiza primordialmente.

Ao abrir o livro “O show do eu: a intimidade como espetáculo” já nos deparamos com um sumário instigante e que fornece as pistas sobre o assunto a ser tratado: como o advento da internet acarreta novas formas de construção da subjetividade através da exibição da intimidade e espetacularização da personalidade, principalmente através dos sites de relacionamento, como Orkut, Facebook, Twitter e demais blogs ou micro blogs, nos quais eu, você e todos nós produzimos e exibimos conteúdos sobre um assunto: nós mesmos. Como interpretar este fenômeno tão contemporâneo de superexposição e exibição da intimidade que muitas vezes esbarra em limites do excesso? O que implica essa exposição incessante do cotidiano de pessoas “comuns”, e por outro lado, o interesse também incessante de quem vê, acessa ou lê? É possível distinguir quem são os receptores e quem são os emissores neste universo da web 2.0?

A discussão é distribuída ao longo de nove capítulos, o primeiro deles denominado “Eu, eu, eu... você e todos nós” e culmina no final “Eu espetacular”. Ao longo desta trajetória a autora parte do eu narrador, passando pelo declínio do homem público, até a análise do culto à personalidade e o “eu espetacular – a gestão de si como uma marca”.

¹ Resenha da obra: SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

* Mestre em Sociologia. Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14.800-901 – fccmello@gmail.com

Através do resgate histórico, Sibilia afirma que estamos “[...] vivenciando um corte na história que altera as formas de ser e estar no mundo” (2008, p.15). Compreender o sentido das novas práticas que consolidam o atual auge de exibição da intimidade através do uso de tecnologias, neste caso, a internet, permite também compreender todo o contexto de uma sociedade, já que, como coloca Burke (2002, p.137) “[...] as diferenças entre a mensagem transmitida e a mensagem recebida por espectadores, ouvintes ou leitores em diferentes épocas e lugares reveste-se de visível importância histórica”.

E a importância histórica nesta obra configura-se na construção da subjetividade ao longo dos tempos. A comunicação que hoje é tão ampla e mediada pelo computador já passou por esferas bem mais íntimas, assim como a construção do eu, debruçada que esteve durante os séculos XVII e XIX em diários íntimos e leituras de romances, ferramentas valiosas para a autoconstrução e auto-observação. Por meio da escrita dos diários íntimos, os autores “recorriam à introspecção [...], ao voltarem sua atenção para dentro de si, e nessa auto-observação cada um operava verdadeiras sínteses perceptivas a fim de construir seu eu no papel” (SIBILIA, 2008, p.103). Tendo como referencial a argumentação de Benjamin nas análises sobre a narrativa e o papel do narrador, Sibilia resgata o sentido de estar a sós com um livro e a grande importância da leitura como instrumento de edificação da interioridade ao longo desses dois séculos, assim como uma possibilidade de refúgio na própria interioridade.

Este é o destaque do capítulo 4, que se coloca como fundamental no livro. A análise histórica e da literatura, com a presença etérea de Virginia Woolf nas citações, permite ao leitor compreender como os relatos de si eram realizados nos tempos passados e como a transição aconteceu: de uma intimidade sutil e intensa para uma intimidade totalmente exposta nos blogs; do “refúgio do eu” para a “exposição do eu”; do fato de estar a sós com um livro para estar exposto com a internet. Em meio à fragmentação do mundo, as novas formas de expressão e comunicação produzem profundas implicações na experiência cotidiana, nas formas em que nos relacionamos com o próprio eu, com os outros e com o mundo. Segundo Sibilia, agora o que interessa não é o que cada um faz, mas o que cada um é. Ou, em outros termos, não importa o que você faz, mas o que você é.

Ainda nessa fase de transição, o passeio que a autora faz entre os séculos XVIII e XIX para culminar na chamada “tirania da visibilidade” dos dias de hoje vale a leitura.

Desabrochava desse modo, com todos seus fulgores, o império dos indivíduos únicos e incomparáveis. Neste novo quadro, a liberdade perde sua vocação universal, tornando-se um meio para a realização pessoal de cada sujeito em sua

gloriosa particularidade. (Na transição do século XVIII para o XIX), em lugar da autonomia relativa ao gênero humano em seu conjunto, à busca do bem comum e à emancipação coletiva, o que se valoriza aqui mais vivamente é a singularidade individual. (SIBILIA, 2008, p.107)

Nestes inícios do século XXI, as transformações pelas quais passamos afetam o modo com que os indivíduos configuram suas experiências subjetivas e afirmam suas personalidades e identidades. Com a torção da subjetividade moderna, o eu torna-se visível e a subjetividade passa a ser cada vez mais estilizada. Mas afinal de contas, o que isso significa? O que o contexto atual e as novas formas de comunicação têm a nos dizer? A intensa valorização do eu nos blogs e fotoblogs intensifica a famosa definição de sociedade do espetáculo de Baudrillard, merecendo assim uma análise crítica ou são novas formas de ser e estar no mundo, intermediadas por também novas possibilidades de comunicação proporcionadas pela tecnologia?

A autora faz a opção pelo caminho mais árduo, porém mais interessante. Resguardada por um olhar crítico constante, Sibilía adota a perspectiva que sublinha a descontinuidade e a emergência de um processo novo no que se refere às práticas culturais. O eu moderno busca desesperadamente a aprovação alheia, é uma subjetividade que deseja ser amada e desejada em um “[...] verdadeiro mercado de personalidades, no qual a imagem pessoal é o principal valor de troca” (SIBILIA, 2008, p.235). Vivenciamos então uma alteração radical nesta nova configuração sociocultural: novas tecnologias, novos meios de comunicação, um contexto social específico, novas linguagens – inclusive audiovisuais –, mais informação, identidade fluida e subjetividade estilizada. A espetacularização da intimidade cotidiana tornou-se habitual, utilizando-se de um arsenal de técnicas de estilização das experiências da vida e da personalidade.

Mas este contexto reverbera o eco dos anúncios de Benjamin (1994) quando este anuncia o esgotamento da experiência. Ancorada neste autor, Sibilía reforça que a memória e a lembrança estão perdendo espaço no mundo atual, arrastados que somos pela enxurrada de informações e pela voracidade do contexto industrial. “Toda essa agitação teria gerado uma perda das possibilidades de refletir sobre o mundo, bem como um inevitável distanciamento com relação às próprias vivências e uma impossibilidade de transformá-las em experiência” (SIBILIA, 2008, p.39).

Tantas Brunas Surfistinhas, Lucianos Huckes, Victorias Beckhams e as denominadas pessoas “comuns” que proliferam pelas redes sociais vivenciam uma ansiedade por inventar realidades que pareçam ficções. Ou, como aconteceu com William Bonner, reforçam a existência de um indivíduo comum dentro da personalidade pública, que dá sua receita de brigadeiro no twitter; assim como Barack Obama, que nas últimas eleições presidenciais dos EUA utilizou e gerou

discussão sobre o emprego das novas mídias na política. Os usos que os indivíduos fazem da internet e das redes sociais são múltiplos, mas passam pela superexposição como tentativa de criar uma referência – “[...] a principal obra que estes autores-narradores produzem é um personagem chamado EU e a própria personalidade” (SIBILIA, 2008, p.233).

No mundo do capital “há uma flagrante falta de sentido que flutua sobre muitas experiências subjetivas contemporâneas” (SIBILIA, 2008, p. 273) e a autora do livro explora muito bem este tema. Um mundo repleto de informações em que o narrador perdeu sua aura ao mesmo tempo em que vivencia um abalo da sua identidade e subjetividade, rodeado que está por territórios que se desterritorializam todo o tempo. Neste sentido, é proveitoso citar Sueli Rolnik quando verbaliza que vivemos entre extremos: do apego excessivo às formas que o capital esvaziou, à criação de novos territórios de desejo. Tais territórios nunca se organizam e em nosso cotidiano nos deparamos com dificuldades encontradas em dar sentido às coisas, em “tecer os fios”. Vivemos ingerindo “pílulas de momentos presentes expostos um após o outro” ao mesmo tempo em que há uma obsessão pela memória demonstrada nos blogs que contam histórias e vivências de quem escreve. De certa forma, é a sociedade do espetáculo e seus sentidos que desenvolve novas formas de ser e estar no mundo.

No entanto, há também uma miséria nisso tudo: é que nunca articulam-se os fios, nunca territórios se organizam. E assim o potencial de expansão contido na recém-conquistada intimidade com o mundo se desperdiça. Dispersa. Nessa fúria de tecer com tantos fios, tão rapidamente substituídos, não mais conseguimos nos deter. O outro, descartável, é a mera paisagem que quando muito mimetizamos. E, almas penadas, viajamos por entre essas paisagens que se sucedem, assim como nós mesmos. Nunca pousamos em paisagem alguma de modo a constituir território e, reorganizados, prosseguimos viagem. Miséria celibatária. Há uma certa amargura nisso tudo. Sem tempo nem espaço para tecer o que quer que seja, corpo e alma vão perdendo a capacidade de urdir. (ROLNIK, 2005, p.05)

Estaria nossa capacidade de compor, imaginar, construir e tecer comprometida? As novas formas de afirmação da personalidade e do valor de cada vida amparadas pela internet são novas formas de autoconstrução que buscam abandonar o espaço amplo e abismal da alma em nome de uma espetacularização do eu?

“É gratuito e sempre será”. “*Broadcast yourself*”. “Crie seu blog”. “*The best way to discover what’s new in your world*”. “Partilhe fotos. Faça amigos. É fácil”! Esses slogans de sites como twitter, youtube, facebook e blogger já anunciam um *eu*

visível, que busca “[...] reconhecimento nos olhos alheios e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto. Cada vez mais, é preciso aparecer para ser”. (SIBILIA, 2008, p.111) Por um lado, desvencilhando-nos de referências e tradições estáticas podem proliferar novas subjetividades e novas possibilidades de vivências. De outro, se é preciso cada vez mais aparecer para ser, pode acontecer de que tal empreitada se torne insaciável, vulnerabilizando assim os indivíduos e tornando as subjetividades mais um tipo de mercadoria, já que os fios nunca se articulam. A conclusão pode ser degustada no final do livro, diante de uma escrita primorosa e muito bem articulada. A autora exhibe o show do eu, onde a intimidade é o espetáculo em um contexto histórico, social e cultural que envolve eu, você e todos nós.

Referências

BENJAMIN, W. O narrador. In: _____. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.197-215.

BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

ROLNIK, S. Amor: o impossível... e uma nova suavidade. In: _____. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005. p.327-330.

